

O prazer do romanesco

Os "Mistérios de Lisboa" de Raúl Ruiz numa edição absolutamente essencial.
Mário Jorge Torres

Mistérios de Lisboa
- Edição especial de colecionador (6 discos)

Raúl Ruiz
Leopardo



Extras



Em coincidência com o início da exibição, na RTP, da versão televisiva de "Mistérios de Lisboa", a editora Leopardo, em colaboração com a Fnac e a Clap, produtora principal do filme, lança uma extraordinária caixa que permite uma rigorosa comparação entre materiais e uma preciosa visão de conjunto da obra-prima de Raúl Ruiz, admirada tanto em festivais como no circuito comercial, e premiada em San Sebastián.

A vastíssima obra de Ruiz, de mais de uma centena de filmes, tem-se desdobrado entre o documentário e a ficção, entre a curta e a longa-metragem, entre o cinema e a televisão, tendo inclusive começado por colaborar em telenovelas mexicanas e sul-americanas, numa actividade bulímica que, se o conotou, sobretudo depois de "L'Hypothèse du Tableau Volé" (1979), com um fantástico inventivo e surrealizante, não deixou de o ligar a um gosto, também ele renovador,

pelo romanesco oitocentista e pelas suas pulverizações modernistas: entre um bizarro "Ilha do Tesouro" (1985), Robert Louis Stevenson em cenários portugueses, ou "La Maison Nucingen" (2008), a partir de uma novela de Balzac, e a mais interessante e criativa, ainda que sublimemente falhada, visita (Roland Barthes dizia que Marcel Proust não se lê, visita-se) à última parte de "Em Busca do Tempo Perdido", em "O Tempo Reencontrado" (1999).

Profundo admirador da cultura e da literatura portuguesas, também por via de uma intensa e prolongada colaboração com o produtor Paulo Branco que remonta a "O Território" (1981), Ruiz parece ter escolhido o romance folhetinesco da primeira fase de Camilo Castelo Branco por um variadíssimo número de razões: uma pluralidade de peripécias, mais ou menos melodramáticas, capazes de suscitar terrores e piedades, numa rede infinita de mosaicos e de espelhos quebrados; personagens que desaparecem e "ressuscitam", possibilitando incríveis inversões de expectativas e "flashbacks" dentro de "flashbacks"; o imenso humor camiliano a permitir temperar o excesso do sentimento com irrisórios episódios autoreflexivos; uma aparência de telenovela, inspirada de Eugène Sue ou de Alexandre Dumas, pronta a revestir-se dos tons épicos e grandiosos dignos dos distanciamentos irónicos de um Stendhal, com laivos da comédia humana de Balzac. Ruiz sabia que toda esta metamorfose estava contida potencialmente na genialidade do fluxo narrativo de Camilo.

Alguma crítica esbarrou na aparente fragilidade narrativa e falou em estética televisiva, iludida pela presença de actores usados e abusados pela telenovela ou pelo "decorativismo" da reconstrução. Nada de mais injusto: "Mistérios de Lisboa" aspira a uma dimensão épica que passa pela inclusão do romance histórico na tessitura

"desconchavada" de crianças abandonadas, brasileiros misteriosos, amores funestos, duelos, bailes, execuções sumárias a lembrarem os quadros de Goya, com uma iluminação fantasmática de contornos oníricos (fabulosa contribuição do brasileiro radicado em Portugal André Szankowsky, vindo da publicidade), e uma banda sonora obsessiva de Jorge Arriagada, fazendo do plano-sequência a sua imagem de marca; evita-se uma predominância demagógica do grande plano, preferindo os planos gerais, com as personagens a irromperem pelo enquadramento dentro. Mesmo a série, mais longa, dividida em capítulos (esta edição permite concluir que se tratam de objectos diferentes e complementares), partilha de idêntico prazer do texto romanesco, comprazendo-se numa duração que desafia o consumo imediatista e acéfalo. No entanto, é na versão para cinema, de mais de quatro horas, que tudo faz pleno sentido: um teatrino de cartão, sinal de uma infância abstracta, em que as personagens se movem em efígie, marca um distanciamento brechtiano e completa o efeito de "trompe l'oeil", em quadros que parecem glosar os de Oliveira (o de "Amor de Perdição" - quem nos dera que tivesse também direito a uma edição destas - e "Francisca"), em que a fixidez da visão tivesse dado lugar ao rodopio vertiginoso da câmara, como que contaminado por uma homenagem subterrânea ao "decadentismo" viscontiano. O romantismo camiliano transmuta-se assim num olhar moderno, numa "mise-en-abyme" de ruínas recompostas de um passado sem tempo, em que o romanesco servisse para se debruçar sobre as formas e o cinema se auto-interrogasse como cinema.

A cópia é magnífica e os seis discos (dois para a versão fílmica, três para o formato da mini-série) incluem (no sexto disco) abundante e valiosa contribuição de mais de três horas de extras: um pequeno "making of", em seis partes; um bloco de entrevistas com Ruiz (particularmente longa e elucidativa), Carlos Saboga, o argumentista, o director de fotografia e três dos actores principais; quase meia hora de cenas cortadas; uma excelente e rara reunião de programas informativos de televisão, com destaque para excertos do português, "Câmara Clara" (em que Viale Moutinho sintetiza, com argúcia, a importância literária de Camilo) ou do francês, "Préférences du Cercle 2010", mas também de rádio, com duas entrevistas concedidas pelo cineasta à France Culture (especialmente uma, a não perder, conduzida pelo crítico Michel Ciment em que fala do folhetim, de Camilo e Eça, do plano-sequência); isto para além de fotos, biografias ou cartazes. Absolutamente essencial.

"Mistérios de Lisboa" aspira a uma dimensão épica que passa pela inclusão do romance histórico numa trama de crianças abandonadas, brasileiros misteriosos, amores funestos, duelos, bailes e execuções sumárias

